

*In*confidências metapsicológicas

Das *Un*heimliche

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

*In*confidências metapsicológicas

Das *Unheimliche*

Ignácio A. Paim Filho



Editora Sulina

Copyright © Ignácio Alves Paim Filho, 2019

Capa | Cléo Magueta (sobre arte de Lourenço Degani, 2017)

Projeto Gráfico e editoração | Vânia Möller

Revisão | Vânia Möller

Editor | Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P143i Paim Filho, Ignácio A.
Inconfidências metapsicológicas: das Unheimliche / Ignácio
A. Paim Filho. -- Porto Alegre: Sulina, 2019.
238 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-85-205-0842-8

1. Psicanálise. 2. Freud – Sistemas Psicanalíticos. I. Título.

CDD: 150.195.2

CDU: 159.964.2

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

Tel: (0xx51) 3110-9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

[Abril/2019]

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Agradecimentos e reconhecimentos

À Claudia, eterna parceira de sonhos e de realizações – guardada para um Eros inquieto –, propiciando fertilidade, muitas vezes, em terras áridas.

Ao Gabriel e Augusto pelo constante estímulo de suas vivacidades, geradoras de inquietações transformadoras. A passagem do tempo descortinando novos afetos.

Aos colegas de estudo, pela produção de interrogantes que desacomodaram nosso conhecer e impulsionaram o nosso desejo de escrever.

Ao Daniel, por sua generosa disponibilidade de ocupar o lugar de interlocutor imaginário, num primeiro tempo, para minhas inconfidências, e, num segundo, materializando sua presença em seu afetuoso e contundente prefácio.

Ao Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre pela descoberta da minha paixão, pela psicanálise e o legado freudiano.

À Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, pelo desafio constante de conviver com a diversidade, entre a tradição e a inovação.

À Federação Brasileira de Psicanálise, pela oportunidade de ampliar minha escuta e meu olhar, para as singularidades criativas e inovadoras da psicanálise brasileira, como seus pensadores inconfidentes.

*Neste momento, encontro-me na curiosa
posição de não saber se o que tenho a
comunicar é algo muito conhecido ou
inteiramente novo e intrigante [...].*

[Freud, 1938.]

Sumário

9 | **Prefácio**
Daniel Delouya

17 | **Apresentação**

ABERTURA PARA UMA PROSA CIENTÍFICA

22 | *Das Unheimliche* – 100 anos depois:
entre confidências e inconfidências

ARGUMENTO: O CIENTÍFICO EM PROSA

30 | **Capítulo 1** | Psicanálise: uma ciência *Unheimliche*

PROSAS METAPSICOLÓGICA: INCONFIDÊNCIAS

50 | **Capítulo 2** | Psicanálise, uma ciência *Unheimliche*:
o mais além das neurociências

62 | **Capítulo 3** | *Das Unheimliche*: um estrangeiro
iluminando a escuridão

79 | **Capítulo 4** | Pulsão de morte: o assombrosamente belo

91 | **Capítulo 5** | Complexo de castração em tempos
de novas configurações

METAPSIKOLOGIA – CLÍNICA/CULTURA – ESTRANHAMENTOS

- 114 | Capítulo 6 | Percepção – Castração – Cisão:
as múltiplas faces do Eu
- 143 | Capítulo 7 | A subjetividade do analista nos labirintos da cura
- 156 | Capítulo 8 | *Das Unheimliche*: o horror ao saber
e o fascínio do não saber
- 172 | Capítulo 9 | Serguei Constantinovitch Pankejeff: uma estranha
memória sem lembrança do *homem dos lobos*
- 195 | Capítulo 10 | Silêncio: uma escuta metapsicológica
- 211 | Capítulo 11 | *Inconfidências*: o estranho

PÓS-ESCRITO

- 217 | Anotações autobiográficas – prosas psicanalíticas –
em Freud e em mim
- 219 | Freud o escritor de cartas: da comunicação virtual
à virtualidade da comunicação
- 231 | Rotas da escravidão: uma reflexão para o nosso tempo
Carta aberta I
- 234 | Rotas da escravidão: um estranho retorno (testemunho de um
afro-brasileiro) *Carta Aberta II*

Prefácio

Daniel Delouya

O inquietante e o inconfidente no trabalho do psicanalista

Um livro com tal título, e neste momento de comemoração do centenário da publicação do *Das Unheimliche* de Freud, insufla um ar de ânimo, de festividade, característico da experiência do retorno e do reencontro com um ente significativo e querido. O livro, porém, não configura um estudo minucioso do ensaio de Freud. Seu propósito é outro, tem uma razão própria. Nessa série de artigos que o autor designa de *especulativa* – um termo sobre o qual ele insiste de acordo com a máxima de Freud de que a especulação e o fantasiar são próprios da metapsicologia, de suas inerentes *inconfidências*, no trabalho do psicanalista –, ele tenta mostrar porque a psicanálise é uma ciência do *unheimliche*, do estranho, do inquietante estrangeiro. Como o próprio Freud assume ousar enveredar no campo da estética, Paim abre espaço para a questão da estética psicanalítica e seu diálogo com a filosofia, mas sem se delongar nele. O mais importante, e central, é o estatuto que ele confere à dimensão estética, do *sentir*, e justamente quando esse sentimento deve nos conduzir para esse familiar (*heimlich*) que precisava se manter oculto, mas que insiste em ressurgir, gerando estranheza, desconcerto e, por vezes, a vivência sinistra, sobretudo no analista. O *unheimliche* se torna, assim, o

norteador, a *bússola da escuta*, uma espécie de fio condutor, um verdadeiro *método* do trabalho clínico e do pensar psicanalítico.

O estranho como “qualidade do sentir” nos permite ter acesso ao recalcado e aos seus derivados, e remontá-los aos seus determinantes e estágios constitutivos, já que abriga em seu bojo os “sinalizadores” topográficos, dinâmicos e econômicos: as coordenadas da metapsicologia do pensar psicanalítico, clínico e reflexivo. Nessa densa formulação, o autor mostra que a estética *unheimliche* não é uma fenomenologia geral, mas é, diferente disso, um próprio modo de conhecimento da psicanálise – pelo desconcerto – em que o campo transferencial implica o inconsciente do analista, mobilizando-o em relação aos sujeitos de seus estudos na clínica e na cultura. Há um capítulo inteiro em que Paim exemplifica isso na escuta clínica mediante um texto técnico de Freud. O estranho é um *retorno* que coloca em relevo o familiar (*heimlich*) ocultado (o recalcado); e, de outro, também os estágios primários e intermediários deste constituinte psíquico inconsciente. O que se *inscreveu*, segundo Paim, e teve a sorte, junto ao objeto, de gerar uma malha representativa para se *transcrever* numa rede mnêmica, garante o retorno do recalcado. No entanto, há inscrições carentes deste trabalho junto aos objetos de origem, em que prevalece o *irrepresentável* dos inícios, ou seja, sem que houvesse possibilidade ou tempo (com o outro) de transcrição. Eis o terreno da ação, da compulsão à repetição, das problemáticas narcísicas da confusão dos limites do eu com os seus constitutivos duplos, no qual falhas e faltas no trabalho do outro – e por vezes justamente pelo excesso, traumático, de sua presença – compromete a erotização da conjunção pulsional de origem, do masoquismo primário, sujeitando a matéria psíquica ao trabalho do desinvestimento da pulsão de morte pelo qual a

cisão e a rejeição aproximam o estranho aos espectros sinistros, demoníacos, do enlouquecer. A transitividade entre esses dois polos do estranho, que se encontra no texto de Freud de 1919, assinala a transição, também, entre as duas tópicas freudianas.

Para “fundamentar essas proposições” o autor tem como estratégia percorrer a obra de Freud ao longo de seu eixo histórico, procurando nela os elementos – e as tessituras que esses engendram – que determinam e compõem esse largo espectro do estranho. Assim, a sexualidade infantil, o incesto, o desejo, a castração, o narcisismo, as pulsões de morte e de vida, o masoquismo primário e seus derivados, as instâncias psíquicas e as operações psíquicas de recalçamento, de recusa, de rejeição e de cisão, como também a técnica e o processo analítico, vão encontrar uma articulação própria e singular nas diversas manifestações do estranho. Tais “repercussões” do estranho no conjunto da obra de Freud, o autor resgata, muitas vezes, de trabalhos realizados em grupos de estudos por ele conduzidos acerca de temas da metapsicologia freudiana. Demonstra, assim, no legado freudiano, como o estranho embrenha e impregna, como método interno ao universo psicanalítico, cada um dos tijolos, princípios e eixos constitutivos do aparelho psíquico. A realização desta empreitada se faz percorrendo, em alguns capítulos, temas ou livros centrais da obra freudiana: além do ensaio de 1919 sobre o estranho, figuram-se os temas da pulsão de morte; o complexo de castração; o Eu em suas múltiplas faces e as operações que o atravessam (percepção, castração, cisão); a mobilidade no analista em meio a cura; a inscrição da lembrança sem memória (sem transcrição) no *Homem dos lobos*; a relação entre o estranho e o saber, ilustrada a partir de uma produção cinematográfica (*Coraline e o mundo secreto*, 2009); e o silêncio e a escuta. Nota-se neles que o autor

nem sempre concorda com as características centrais que Freud atribui às suas invenções conceituais, como também os articula ao seu modo. Assim, por exemplo, em relação às pulsões de vida e de morte. Tudo isso, e mais um pouco, se deve, também, aos diálogos que ele trava com autores contemporâneos como Lacan, Laplanche, Leclaire, Green, Botela, Rozemberg, Garcia-Roza que introduziram modos próprios de apreensão dos referidos conceitos freudianos. Não vou adentrar essas *torções* que Paim efetua na razão freudiana (expressão evocada no título do meu livro de 2005: *Torções na razão freudiana*) deixando-os para a delícia da descoberta do leitor.

Os parágrafos configuram uma visão panorâmica do trajeto do livro e alguns meios de condução de sua escrita. Gostaria, agora, de aproximar um pouco o olhar sobre um aspecto e outro desta contribuição, caminhando para a conclusão de minhas notas. O foco de atenção do autor tem sido acerca da pulsão, em especial a de morte e, sobretudo, na conjunção/disjunção (Paim prefere os termos de fusão/desfusão) desta com a pulsão de vida num binômio do masoquismo primário que o autor baliza como o seu quinto destino. Entretanto, toda a questão do estranho é sua criação como qualidade do sentir, que não é, ainda, um sentimento, embora batesse na porta de entrada do universo das representações. O estranho, como expressão *princeps* do inconsciente, é consequência do cruzamento de direções contrárias entre moções inconscientes da pulsão e a imposição da cultura por meio de seu porta-voz e mediador, o objeto. Uma dialética de oposição em que a *subversão*, nas figuras do estrangeiro e sua insistência impiedosa em retornar e se fazer ouvir, torna a escuta do psicanalista atenta a esses inconfidentes da alma humana, sejam eles expressos no espaço clínico ou mediante suas várias manifes-

tações na cultura. O efeito disruptivo, de diferença e alteridade, da pulsão de morte sobre uma moção de junção/fusão – que se torna e se transforma em pulsão sexual, e de vida, de ligação, pelo trabalho do objeto – abre ou reabre uma fresta (essa é a disjunção ou desfusão basal no binômio pulsional) dentro do estado entorpecente originário, o nirvana, que Paim denomina de masoquismo narcotizante. Substrato oportuno à erotização (sedução) pelo objeto e/ou de retomada, pela via regressiva, de sua história junto a ele, pelas associações livres e os investimentos laterais, ampliando-os. Os perigos, de um lado, de disjunção ou desligamento extremos, indo em direção ao desfazimento do binômio pulsional e, de outro, um enclausuramento cerrado, narcísico e defensivo, sutil e/ou francamente masoquista, na fusão/junção deste binômio originário, constituem as extremidades do largo e amplo espectro da plasticidade das manifestações da alma na vida privada e junto à cultura. Aqui, uma dimensão ética do cuidado se impõe ao trabalho do objeto e da cultura, do qual o primeiro é porta-voz, para possibilitar o advento do universo da castração, da suportabilidade da ausência, do tempo, e o engendrar psíquico na dimensão estética do estrangeiro, do inconfidente. Este é o terreno da análise e esta não poderia acontecer se não encontrasse as pontas soltas de uma disjunção basal do binômio pulsional para, inclusive, reabrir as regiões nocauteadas, francamente masoquistas, e outras em que as junções se tornam vitais, por meio do trabalho de construções, socorrendo o masoquismo de uma erosão de sua rede mnêmica.

No pós-escrito do livro (capítulos finais), o leitor encontrará uma bela ilustração desta reabertura da análise sobre o estranho, bastante comovente, redigida em forma de carta aberta. Uma correspondência que o autor encontra com Freud e, isso,

justamente, pela via da ampla comunicação epistolar que Freud manteve desde a sua juventude. Paim acentua os liames deste tipo de comunicação com o do trabalho analítico em que a distância e o intervalo favorecem a via regressiva de associação livre, constituindo esse espaço como virtual em consonância com “*a outra cena*” (Fechner) do sonho, protótipo da vida psíquica (Freud), que defronta o correspondente com o estrangeiro de si e em si. A cura pela escrita (Mahony), uma espécie de “alucinação negativa” que permitiu a Freud embarcar em sua autoanálise, levando-o, portanto, numa travessia pelo complexo de castração que tem como ganho certa libertação. Assim, Freud pôde, nesta ida e volta do “céu ao inferno” (Faust) se desvincular de seu analista Fliess, ou seja, começar a dissolver certa amarra e submissão a uma figura paterna: uma caminhada analítica em marcha desde, pelo menos, a morte do pai em 1896, e até 1936, com a análise do distúrbio de memória em Acrópolis. A análise, portanto, revela seu trabalho regressivo também em um processo auto, como foi esse de Freud, pela via epistolar. E a travessia se faz, do ponto de vista econômico, valendo-se das pontas soltas da originária des fusão/disjunção basal do binômio pulsional, para dissolver, nesta malha mnêmica, trechos de junção, de anelo (de pacto) masoquista fundados sobre a passividade originária entre as gerações. Em Freud, esse conflito está arraigado no embate do seu judaísmo, o de seu pai e de seus antepassados, com a cultura ocidental cristã em que ele trafega e na qual conquistara um lugar [“sou um conquistador” ele diria (e, como Édipo, *do proibido*)]. Assumir esse embate de sua etnia no meio *gentio*, ocidental, seria a via de dissolver aos poucos suas amarras com ela, criticá-la e se ver livre em relação a ela, ao mesmo tempo em que elaborará esse seu complexo do pai. Paim, numa generosidade comparável nos brinda com uma

carta aberta, uma correspondência de sua autoanálise a partir de seu encontro com a “mãe África” no Congresso Psicanalítico de Línguas Portugueses em 2018, na ilha de Mindelo em Cabo Verde, que teve como tema “As rotas da escravidão”. Como afro-brasileiro, esse encontro o recolocou nas vias de sua análise, na descoberta nele de partes nocauteadas, narcotizadas, do conluio escravo com a dominação da cultura branca, avançando assim numa assunção parecida como a de Freud, conquistando mais um terreno na sofrida libertação. Uma conquista progressiva, de inconfidência, que impele – como em qualquer análise, e numa trajetória de vida de nosso tempo – o reencontro com o familiar ocultado, isto é, ao se deparar com o estranho. Um estrangeiro e inconfidente demandando a subversão, a ousadia de viver.

Assim, o autor traz uma contribuição importante e rica para sustentar e demonstrar como a psicanálise tem, como ciência, um método, um modo de saber próprio: o *Unheimliche*.